

CARTILHA SOBRE DIFICULDADES E TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM



Hellen Ferreira Alves
Jonathan Eduardo Mendes Pereira

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA – Campus João Pessoa

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PARA O ENSINO MÉDIO – PIBIC-EM – CNPq**

ELABORAÇÃO DO TEXTO:

**Hellen Ferreira Alves
Jonathan Eduardo Mendes Pereira**

ORIENTAÇÃO:

**Andréa de Lucena Lira
Marta Maria Mauricio Macena**

ELABORAÇÃO DE ARTE E DESIGN:

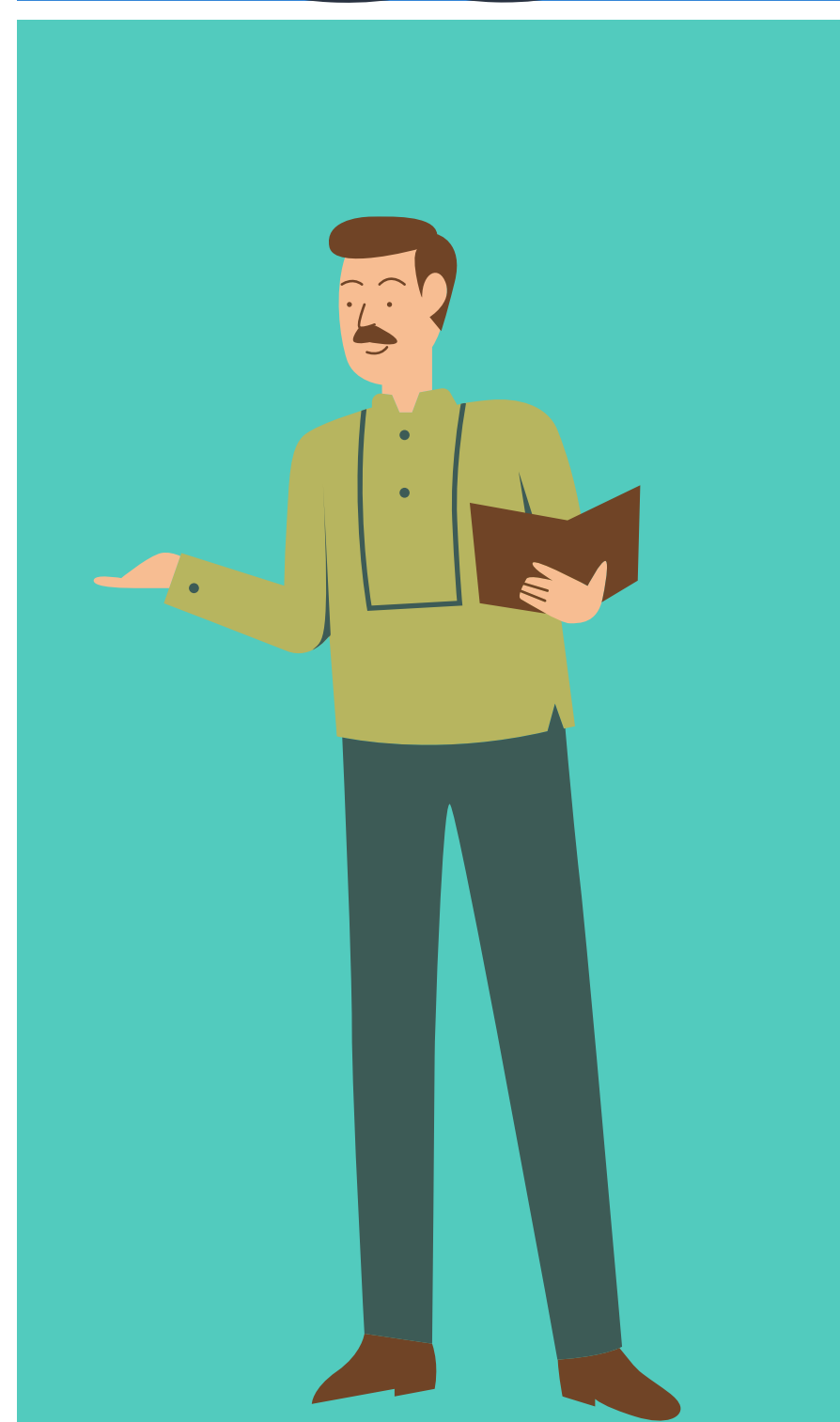
**Marcelo Leonardo Leite de Lima
Gabriel Claudino Pimentel
Letícia Ochotorena Maia**

APRESENTAÇÃO

A Cartilha Dificuldades e Transtornos de Aprendizagem trata-se de um material educativo que poderá ser utilizado pelos professores vinculados ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. Esta cartilha tem como objetivo explicar aos professores as definições e diferenças existentes entre a Dificuldade de Aprendizagem e o Transtorno de Aprendizagem, promovendo informação, conscientização e orientação de detecção e adaptações curriculares.

Os professores, de maneira geral, buscam compreender os antagonismos da aprendizagem de todas as pessoas que fazem parte da sociedade, pessoas que têm o direito de serem atendidas em suas necessidades específicas, no corre-corre de nosso cotidiano. À administração escolar cabe mapear e identificar as pessoas com dificuldades e transtornos de aprendizagem existentes na comunidade, identificar suas necessidades específicas, planejar a implementação dos ajustes necessários para que se possa acolhê-las e a elas responder efetivamente, garantindo a implementação desses ajustes. Aos profissionais cabem as ações técnicas, em cooperação transdisciplinar; aos órgãos de representação, o diagnóstico das necessidades, o planejamento de ações que promovam a inclusão e a fiscalização da ação no ajuste da sociedade; às famílias, a cooperação com os órgãos públicos, profissionais e população em geral, no sentido de acessar o espaço comum e dele participar, solicitando os recursos e serviços de que necessitam para que possam acessar, frequentar e participar dos espaços comuns da vida em sociedade.

Especificamente no que se refere ao campo da Educação, entretanto, pretendemos aqui detalhar com maior objetividade as competências e atribuições, bem como as ações que se encontram envolvidas na busca da construção de um sistema educacional inclusivo e participativo.



SUMÁRIO

SUMÁRIO	3
1 PARA COMEÇAR, PRECISAMOS DISTINGUIR DIFICULDADE DE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM	5
2 TIPOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	6
3 DICAS LEGAIS DE RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR	7
4 TIPOS DE TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM	8
4.1 DISLEXIA	9
4.2 DISCALCULIA	10
4.3 DISGRAFIA	11
4.4 DISORTOGRAFIA	12
5 TRANSTORNOS DO DESENVOLVIMENTO	13
5.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	13
5.2 TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (TDA)	13
5.3 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH).	13
6 REFERÊNCIAS	14

O QUE TEREMOS NESSA CARTILHA?

Aqui é um espaço para se familiarizar com a distinção e identificação das dificuldades e transtornos de aprendizagem por parte dos alunos. É comum que o indivíduo no início da fase escolar apresente alguma dificuldade na aprendizagem, as quais podem estar relacionadas as mudanças de hábitos ou de rotina. Porém, a permanência destas dificuldades ao longo da vida acadêmica pode ser a constatação de problemas vinculados a algum tipo de transtorno. Nesse sentido, buscamos informar a existência destes transtornos que podem influenciar diretamente no rendimento e aprendizado escolar.

A QUEM SE DESTINA?

Essa cartilha se destina aos professores, familiares e profissionais da educação. Enfim, a toda comunidade acadêmica preocupada com a educação para todos.



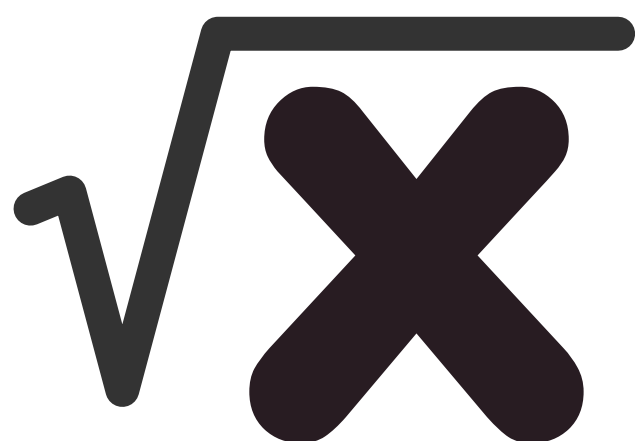
1. PARA COMEÇAR, PRECISAMOS DISTINGUIR DIFICULDADE DE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

Dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem são distúrbios diferentes que comprometem a capacidade de aprendizagem.

Dificuldade de aprendizagem refere-se a uma defasagem da capacidade de aquisição de uma ou mais competências e/ou compreensão aquém do esperado à época de seu desenvolvimento, considerando sua faixa etária, os estímulos recebidos e suas condições cognitivas. De acordo com Resende (2021, p.45) a dificuldade de aprendizagem é um termo amplo, envolvendo todos os problemas apresentados no processo de aprender, sejam de origem endógena (condições orgânicas ou psicológicas) ou exógena (relacionadas à escola, ambiente, família). Já os transtornos possuem um significado mais restrito, envolvendo uma disfunção específica, geralmente neurológica e/ou neuropsicológica (GIMENEZ, 2005).



Os transtornos da aprendizagem decorrem de condições orgânicas ou cognitivas específicas, ainda que possam ser agravadas por condições ambientais (como a falta de diagnóstico e/ou acompanhamento adequado), e afetam o desenvolvimento de habilidades específicas tais como a aquisição da linguagem ou de habilidades matemáticas, mesmo sendo oferecidas as condições adequadas de aprendizagem. O transtorno apresenta, portanto, uma natureza mais patológica (RESENDE, 2021, p.54).



Os transtornos de aprendizagem são caracterizados pela dificuldade de leitura, escrita ou cálculos de forma isolada ou associada (CANCIAN; MALACARNE, p.2, 2019).

Um aluno com transtorno da aprendizagem apresenta, em seu processo cognitivo, dificuldades de aprendizagem, mas um aluno com dificuldades de aprendizagem não, necessariamente, tem transtorno da aprendizagem.

2. TIPOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Vale lembrar que, quando existe uma suposta dificuldade, temos que ter consciência que o aluno é um ser social com cultura, linguagens e valores, então deveremos ter cuidado quando for agir, para que não cause constrangimento ao aluno.

Geralmente a dificuldade de aprendizado é causada por algum acontecimento ou situação frustrante, como a mudança de escola, troca de professor, chegada de um irmão, óbito de um familiar próximo, desentendimentos familiares, separação dos pais entre outros, de modo que se torna necessário pesquisar os motivos que influenciam negativamente o desempenho da criança (GIROTTTO; GIROTTTO; OLIVEIRA, 2015).



Porém quando as dificuldades de aprendizado são persistentes e acompanham o histórico da criança por muito tempo, sem motivos evidentes e em várias áreas do conhecimento, muito provavelmente é que esta tenha um transtorno de aprendizagem, aonde existe um comprometimento de ordem neurológica que por sua vez ocasiona uma dificuldade no desenvolvimento sensorial e intelectual da criança (CANCIAN; MALACARNE, p.2, 2019).

Muitos indivíduos acabam por desenvolver problemas emocionais ou interativos por se sentirem frustrados a não conseguir concluir algo, por conta disso criam meios para evitar esse incômodo, podendo ter variações no humor, que vai de pessoa para pessoa, podendo chegar a um ponto que elas pensam que não tem como serem ajudadas.

Ohlweiler (2016, p.9) identifica três fatores envolvidos nas dificuldades para aprendizagem: fatores relacionados com a escola; fatores relacionados com a família e fatores relacionados com o indivíduo. A escola tem que apresentar condições físicas promovendo ambiente seguro, limpo, arejado, iluminado, respeitando o limite aceitável de alunos por turma. Disponibilizando material didático adequado a faixa etária de destino. Motivação do corpo docente, promovendo dedicação, qualificação e remuneração adequada. A escolaridade dos pais, o hábito da leitura em família, as condições socioeconômicas, são relevantes. Em relação ao indivíduo problemas físicos, como as dificuldades sensoriais, seja visual ou auditiva, transtornos psicológicos (fobias, depressão, transtorno do humor, transtorno opositor desafiante, conduta antissocial) e as patologias neurológicas (deficiência mental, paralisia cerebral, epilepsia).

A escola deve estabelecer um contato com os responsáveis para que trabalhem juntos, sem que um fique apenas atribuindo a culpa ao outro, como reuniões, tendo fácil acesso ao número dos pais e etc. o importante é que a escola, os pais e o aluno trabalhem juntos!



3.DICAS LEGAIS DE RELAÇÃO ALUNO- PROFESSOR

As experiências vividas pelos alunos com dificuldades de aprendizagem são transformadas em dicas, sugestões, pequenos detalhes que podem contribuir com a relação aluno-professor, neste esforço conjunto pela sapiência.

- Comunicar à equipe multidisciplinar sobre qualquer alteração de desenvolvimento observada em sala de aula. A equipe multidisciplinar fará a análise e traçará estratégias pedagógicas mais adequadas a cada caso. Assim como promoverá o acompanhamento especializado;
- Sabe-se que cada aluno tem sua própria história de aprendizagem anterior. Tentar entender as características pessoais em seu método/modo de aprender. Há os que aprendem melhor por meio da via visual (leitura, filmes, observação, etc.), há os que necessitam maior utilização do concreto, bem como os que já operam bem no nível abstrato;
- Aproxime-se do aluno apresentando-se para que ele possa se sentir à vontade para um diálogo
- Favoreça a interação do estudante com a turma, evitando situações de exclusão;
- A utilização de metodologias de ensino variadas ajuda a contemplar diferentes formas de aprendizagem;
- Se o aluno não se adaptar ao sistema avaliativo adotado, discuta com o aluno a forma viável de avaliação;
- Valorizar a evolução cognitiva individual e evitar a comparação com a turma;
- Compreender as dificuldades do aluno para construir método pedagógico que o inclua como parte do ambiente e não como isolado em sala de aula.



4. TIPOS DE TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM

Os transtornos de aprendizagem são oriundos das disfunções do sistema nervoso central e relacionados a problemas da aquisição e processamento da informação adquiridas dentro do seu meio ambiente (CANCIAN; MALACARNE, p.2, 2019).

ATENÇÃO: Nenhuma intervenção irá curar o transtorno. As intervenções são feitas a fim de minimizar os sintomas de modo a não afetar o estilo de vida do sujeito e possibilitar maiores oportunidades de aprendizagem.



Há transtornos considerados transtornos específicos da aprendizagem, que são aqueles em que há limitação ou dificuldade no desenvolvimento de uma determinada habilidade, tais como a dislexia (inabilidades de leitura e linguagem), discalculia (inabilidade para regras, conceitos e operações matemáticas), disgrafia (inabilidade motora para a escrita), disortografia (inabilidade com regras ortográficas). Há ainda Transtornos do Neurodesenvolvimento que também podem afetar a aprendizagem, tais como o TDA/TDAH, Transtorno do Espectro Autista, entre outros (RESENDE, 2021).



Existe um guia, em formato de Mídia Educacional/Vídeo Explicativo, elaborado pela mestre Juliana Cecília Padilha de Resende, desenvolvido visando identificar elementos importantes que assinalam os conceitos e as principais diferenças entre os transtornos e as dificuldades de aprendizagem, de modo a possibilitar que o espectador alcance informações sistematizadas sobre a temática. Este guia encontra-se disponível no link a seguir para maiores informações.



4.1 DISLEXIA

A palavra “dislexia” vem do grego e significa “dificuldade com as palavras”. A dislexia é entendida como uma desordem neurológica que compromete a aquisição e o desenvolvimento da linguagem escrita. Caracteriza-se por dificuldade na precisão (e/ou fluência), no reconhecimento de palavras e baixa capacidade de decodificação e de soletração, como resultado de déficit no processamento fonológico, normalmente abaixo do esperado em relação a outras habilidades cognitivas. Problemas na compreensão e reduzida experiência de leitura normalmente são as consequências secundárias desse transtorno. Complementando, Cândido (2013) explica que se trata de um transtorno da aprendizagem caracterizado por dificuldades em ler, interpretar e escrever, cuja causa tem sido pesquisada com a forte tendência de relacionar sua origem à genética e à neurobiologia.

Existem sinais ou sintomas que ajudam a identificar a dislexia. No vídeo indicado a seguir, produzido pelo Instituto Singular e Mayra Gaiato, tem mais informações sobre esse assunto!

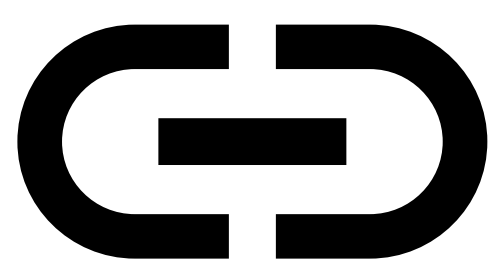


Dentre as dificuldades encontradas nesse transtorno, estão:

- Dificuldade de leitura: Leitura de palavras é feita de forma imprecisa ou lenta, demandando muito esforço. A criança pode, por exemplo, ler palavras isoladas em voz alta, de forma incorreta (ou lenta e hesitante); frequentemente, tenta adivinhar as palavras e tem dificuldade para soletrá-las;
- Dificuldade de compreensão: Pode realizar leitura com precisão, porém não compreende a sequência, as relações, as inferências ou os sentidos mais profundos do que é lido;
- Dificuldade de ortografia: sendo identificado, por exemplo, adição, omissão ou substituição de vogais e/ou consoantes;
- Dificuldade de escrita: podendo ser identificados múltiplos erros de gramática ou pontuação nas frases; emprego ou organização inadequada de parágrafos; expressão escrita das ideias sem clareza. (RODRIGUES e CIASCA, 2016)



Abordagens para melhorar a aprendizagem do dislexo: exercício de respiração; organização de uma rotina de estudos, estabelecendo horário e local favoráveis para a produtividade do estudante; uso de mapas mentais, por sua característica gráfica simplificada; uso de audiobooks, para agilizar o processo de aquisição do conhecimento escrito; utilização de estratégias lúdicas e multissensoriais, explorando as potencialidades do estudante, que estão além de suas habilidades de leitura e escrita; equilibrar tempo de estudo e descanso pelo Método Pomodoro¹; e o uso de flashcards. Essas são estratégias simples que podem fazer a diferença na aprendizagem do estudante dislexo. Para saber mais, acesse:



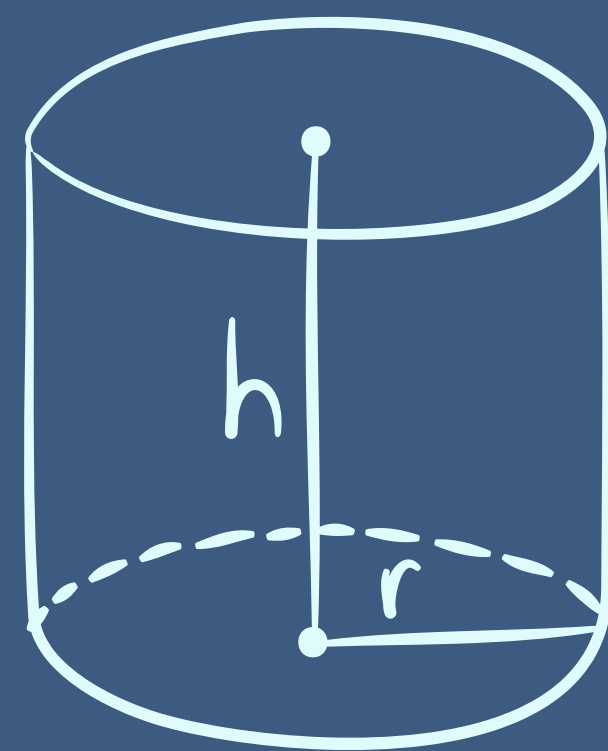
4.2 DISCALCULIA

O termo discalculia foi referido, primeiramente, por Kosc em 1974, por meio de um estudo pioneiro sobre um comprometimento cognitivo relacionado às habilidades matemáticas. Nesse estudo, o pesquisador define discalculia ou a discalculia de desenvolvimento como uma desordem estrutural nas habilidades matemáticas, com origem em desordens genéticas ou congênitas naquelas partes do cérebro que são um substrato anatômico-fisiológico de maturação das habilidades matemáticas. É válido ressaltar que a discalculia pode se manifestar sob diferentes combinações, inclusive associadas a outros transtornos da aprendizagem como dislexia ou déficit de atenção e hiperatividade.

No vídeo indicado a seguir, produzido pelo Instituto Conhecimento e Vivian Borges, tem mais informações sobre esse assunto!



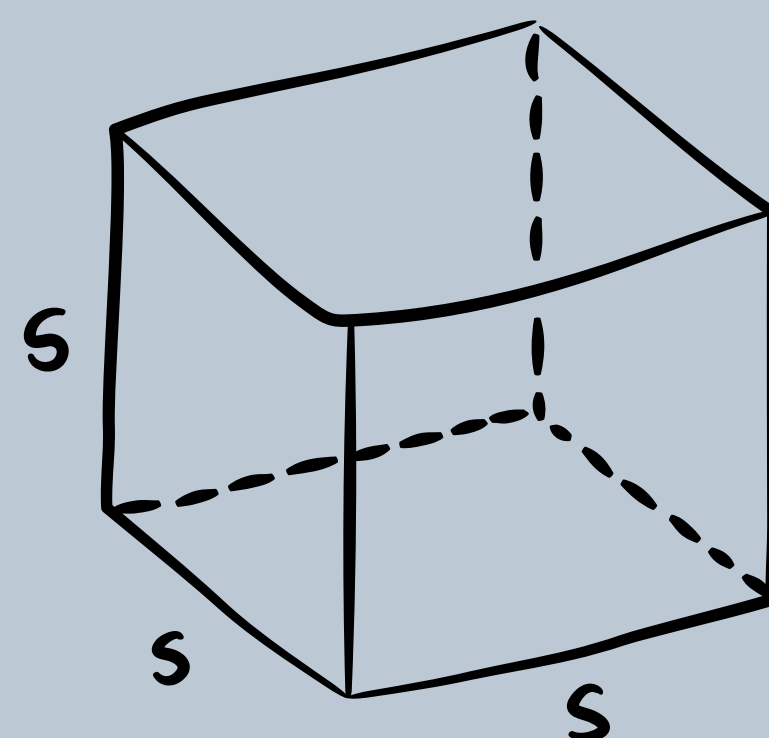
Quem tem discalculia não calcula, então, a inclusão acontece quando o aluno passa a compreender os conceitos. Ao invés de fazer cálculos, redigir textos ajuda a saber a origem do número, de onde saiu, para onde vai e o resultado. Pode-se trabalhar resumos, mapas conceituais, aprendizagem significativa com a relação do conteúdo com o dia-a-dia.



$$V = \pi r^2 h$$



$$V = \frac{4}{3} \pi r^3$$



$$V = s^3$$

4.3 DISGRAFIA

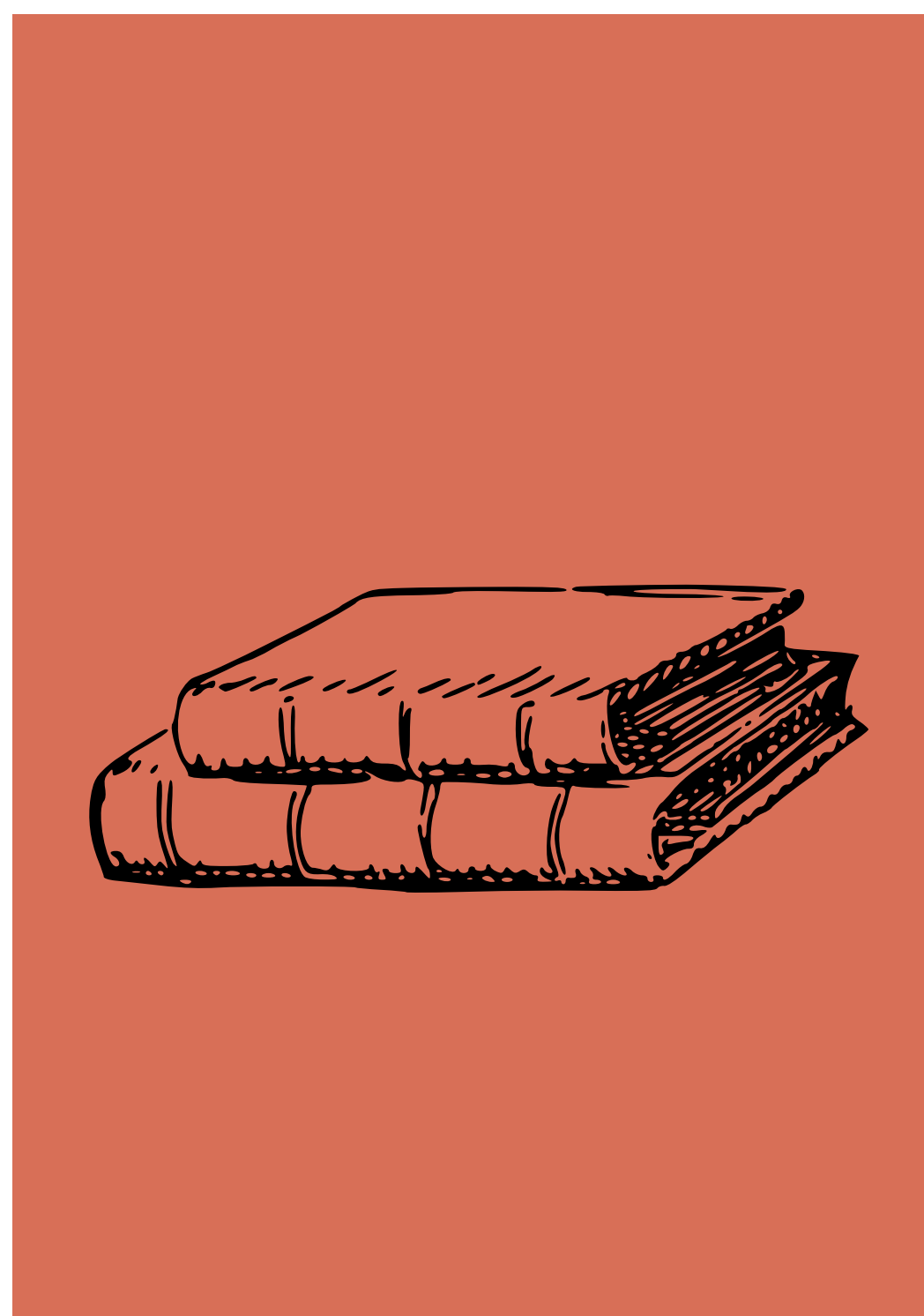
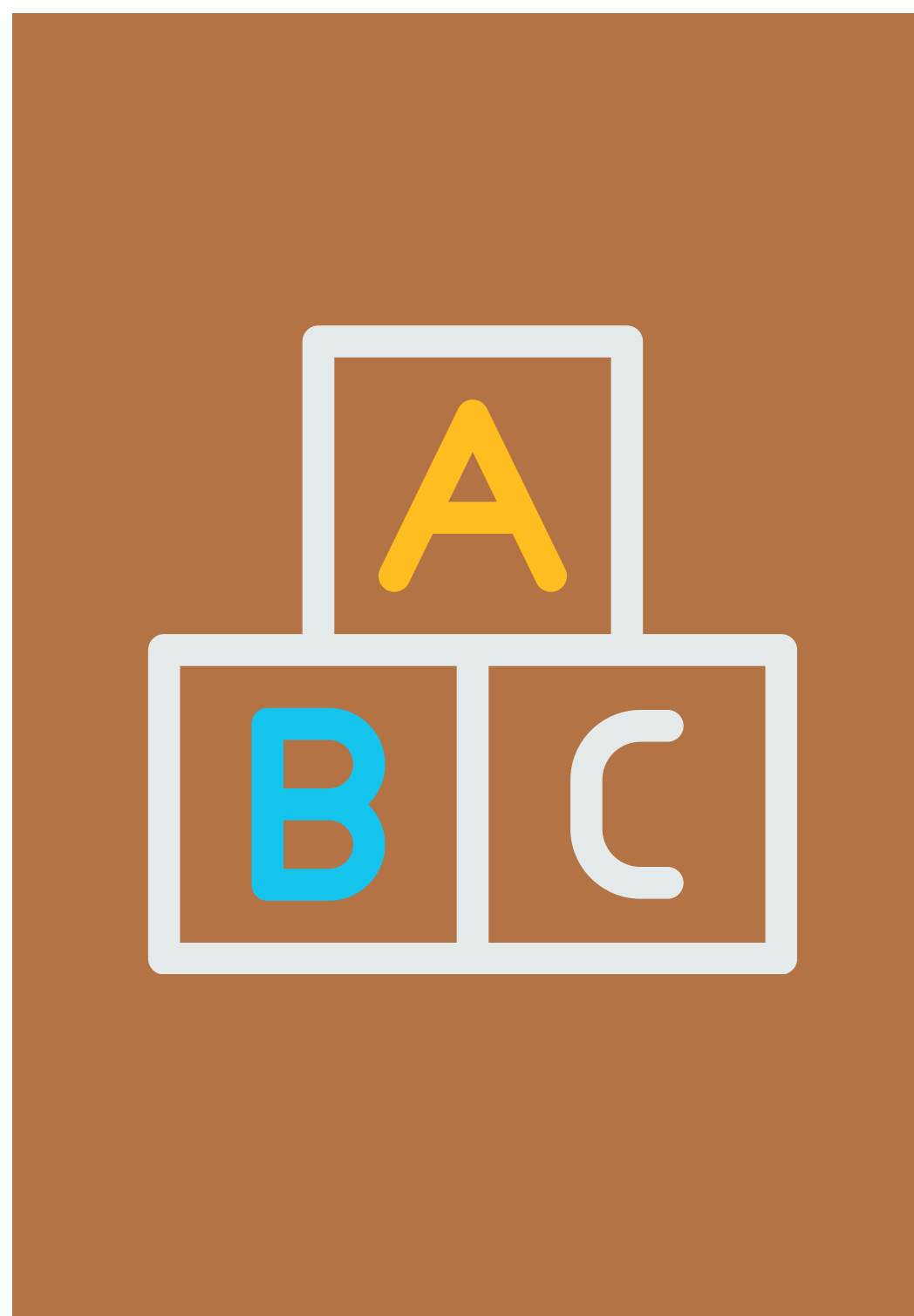
acordo com Torres e Fernandez (2001), a palavra disgrafia deriva, etimologicamente, dos conceitos “dis” (desvio) + “grafia” (escrita), constituindo uma perturbação de tipo funcional que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que se refere ao seu traçado ou à grafia. Assim, pode-se observar a disgrafia como o transtorno da expressão da escrita abaixo do nível esperado para idade cronológica, inteligência e escolaridade. Tal transtorno pode ser classificado em dois tipos: a perceptiva, quando não consegue fazer a relação entre o sistema simbólico e as grafias que representam os sons, as palavras e frases; e a motora ou discaligrafia, quando consegue falar e ler, mas encontra dificuldades na coordenação motora fina para escrever as letras, palavras e números, vê a figura gráfica, mas não consegue fazer os movimentos para escrever (MARTINS et al., 2013).

No vídeo indicado a seguir, produzido por Atta Mídia e Dra. Nadia Bossa, tem mais informações sobre esse assunto!



São sintomas da disgrafia:

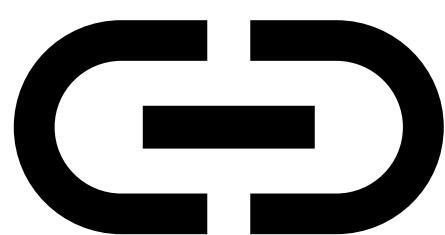
- Traçados muitos grossos ou finos
- Ritmo da escrita excessivamente rápida ou lenta
- Caligrafia inclinada
- Letras separadas, sobrepostas ou ilegíveis



4.4 DISORTOGRAFIA

Etimologicamente, a palavra disortografia deriva dos conceitos “dis” (desvio) + “orto” (correto) + “grafia” (escrita), constituindo uma dificuldade manifestada por um conjunto de erros da escrita que afeta a palavra, mas não o seu traçado ou grafia (TORRES; FERNÁNDEZ, 2001). Em termos conceituais, o Transtorno Específico da Escrita, ou disortografia, é uma alteração na planificação da linguagem escrita, que causa transtornos na aprendizagem da ortografia, gramática e redação, apesar de o potencial intelectual e a escolaridade do indivíduo estarem adequados para a idade. Compreende um padrão de escrita que foge às regras ortográficas estabelecidas convencionalmente, que regem determinada língua (FERNÁNDEZ, 2010).

No vídeo indicado a seguir, produzido por Atta Mídia e Dra. Nadia Bossa, tem mais informações sobre esse assunto!



São sintomas da disortografia:

- Mistura de letras de formas estranhas, escrita sem nenhuma técnica de caligrafia;
- Problema com a organização das informações ao escrever. Por intervalos entre letras e palavras de forma estranha;
- Demonstrar uma alta dificuldade na compreensão gramatical e conseqüentemente problemas com a gramática e escrita.



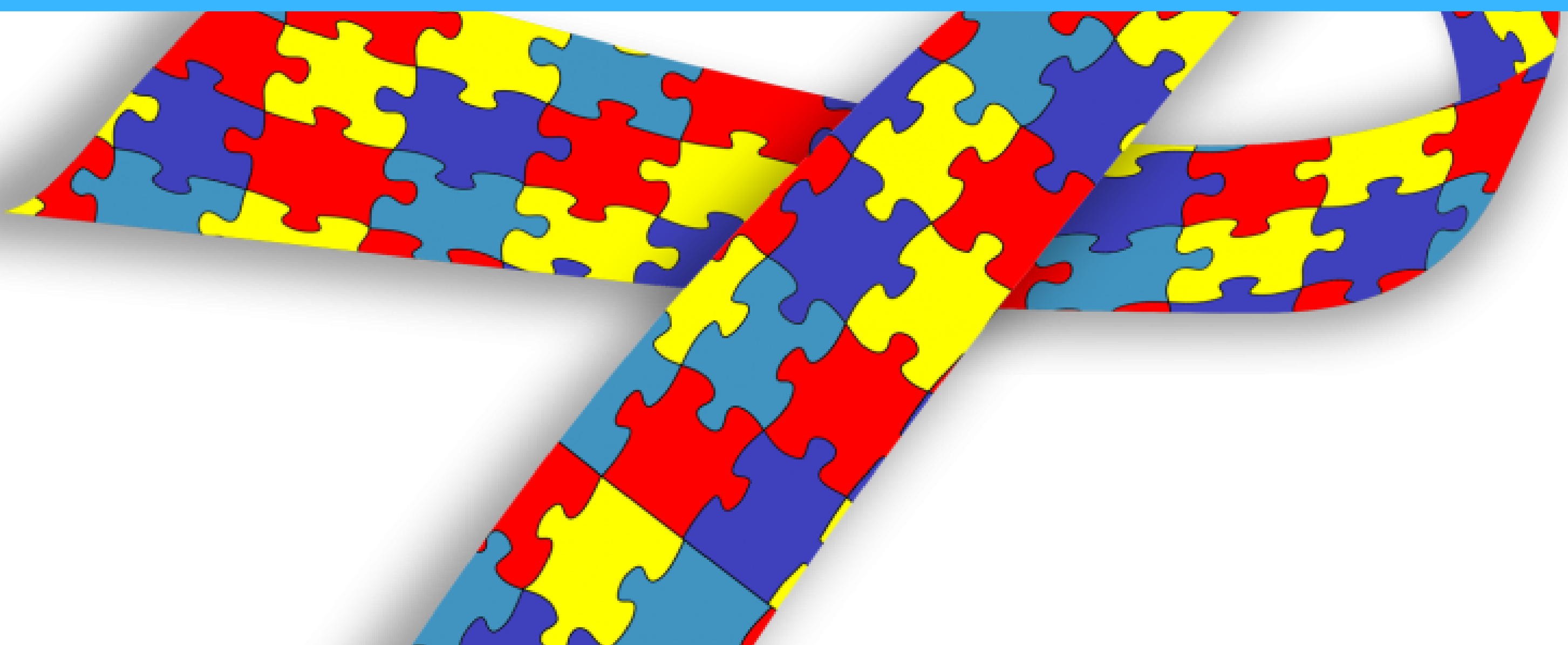
5. TRANSTORNOS DO DESENVOLVIMENTO

Alguns transtornos são considerados Transtornos do Desenvolvimento e não especificamente da aprendizagem, porém, podem influenciar na aprendizagem em razão de suas características. Entre estes, merecem destaque o Transtorno do Espectro autista (TEA), o Transtorno do Déficit de Atenção (TDA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

5.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Etimologicamente, “o termo autismo vem do grego ‘autós’ que significa ‘de si mesmo’” (VARGAS, 2014, p. 163). Atualmente, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser definido como uma desordem do neurodesenvolvimento, caracterizada por déficits na comunicação social e presença de padrões de comportamento repetitivos. Como uma condição usualmente crônica, o TEA normalmente requer atenção de equipes interdisciplinares por afetar o desenvolvimento de forma global (ARAUJO; VERAS; VARELLA, 2019). A pessoa autista em geral enfrenta grande dificuldade de interação social, bem como para se interessar pelas atividades que o grupo desenvolve, o que acaba por dificultar seu processo de aprendizagem.

Para mais informações pode acessar o livro Mundo Singular – Entendendo o autismo de Ana Beatriz Barbosa Silva, MayraBonifácio Gaiato e Leandro Thadeu Reveles, disponível no link a seguir:



5.2 TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (TDA)

Silva (2009) entende que a alteração da atenção é o principal sintoma do TDA, visto que a pessoa apresenta forte tendência à dispersão e, com frequência, apresenta dificuldades em prestar atenção às falas dos outros, distraíndo-se com facilidade de suas atividades. Enfrenta dificuldades de organização (inclusive, perdendo objetos frequentemente), podendo também apresentar “brancos” durante uma conversa. Costuma cometer erros de fala, leitura e/ou escrita (com omissão de letras, por exemplo).

5.3 TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH).

Freitas (2014, p. 131) define o TDAH como “uma síndrome ligada ao desenvolvimento neurobiológico que interfere diretamente no comportamento”, que desequilibra os mecanismos de atenção e memória, muito utilizados na aprendizagem. Diferentemente do TDA, a pessoa com TDAH apresenta, além da desatenção, sintomas de hiperatividade e/ou impulsividade.

Dica: Como o estudante com TDAH é facilmente distraído, uma das estratégias é colocá-lo nas fileiras da frente da classe, longe de janelas e conversas paralelas.

A análise dos critérios para diagnóstico do TDAH envolve a análise da frequência, intensidade, amplitude (persistência em mais um contexto) e duração (pelo menos seis meses) da tríade sintomática desatenção-hiperatividade-impulsividade. Entre os comportamentos que sinalizam desatenção, podem-se citar: mudanças frequentes de assunto, falta de atenção no discurso alheio, distração durante conversas, desatenção ou não cumprimento de regras em atividades lúdicas, alternância constante de tarefas, além de relutância no engajamento de tarefas complexas que exijam organização (SANTOS; VASCONCELOS, 2010).

Dica: a pessoa com TDAH perde o foco facilmente com aquilo que não lhe interessa. Porém, há assuntos específicos que ele pode facilmente ficar imerso e a esse interesse damos o nome de hiperfoco. Descobrir o hiperfoco do estudante com TDAH e incorporá-lo, na medida do possível, às aulas ministradas, é uma poderosa ferramenta de ensino-aprendizagem.

6.REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jeane A. M. R.; VERAS, André B.; VARELLA, André A. B. Breves considerações sobre a atenção à pessoa com transtorno do espectro autista na rede pública de saúde. *Revista Psicologia e Saúde, Campo Grande*, v. 11, n. 1, p. 89- 98, jan./abr. 2019.

CAMPOS, A. M. A.; MANRIQUE, A. L. Investigando a Discalculia no Contexto da Educação Matemática. *Ensino da Matemática em Debate*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 46–64, 2021. DOI: 10.23925/2358-4122.2021v8i3p46-64. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/54247>>. Acesso em: 8 jun. 2022.

CANCIAN, Queli Ghilardi; MALACARNE, Vilmar. Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem. 2º Congresso Internacional de Educação. 7º Congresso de Educação da FAG, 2019. ISSN 2318-759X

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. *Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2013.

GIMENEZ, Eloisa Hilsdorf Rocha. Dificuldade de Aprendizagem ou Distúrbio de Aprendizagem? *Revista de Educação*. V. 8, n. 8. P. 78-83. 2005. Disponível em: <<https://seer.pgsskroton.com/educ/issue/view/212>>. Acesso em: 05 out 2022.

GIROTTTO Patrícia Rodrigues Camargo; GIROTTTO Edmarlon; OLIVEIRA Batista de Junior. Prevalência de Distúrbios da Escrita em Estudantes do Ensino Fundamental: uma Revisão Sistemática. *UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ., Londrina*, v. 16, n.4, p. 361-366, 2015.

HUDSON, D. *Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com: dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, Tdah, TEA, Síndrome de Asperger, TOC* / Diana Hudson; tradução de Guilherme Summa. Petrópolis, RJ : Vozes, 2019

LYRA, Glaciene Januario Hottis. *As dificuldades de Aprendizagem no Contexto Escolar; Patologias ou Intervenções Pedagógicas não adequadas: o Universo do impedimento do não Saber; o ser Aprendente em risco*. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/as_dificuldades_de_aprendizagem_patologias_1_1.pdf> Acesso em: 25 out 2022.

MARADEI, A. P. P. C.; MAIA, G. S. A.; SEABRA, M. A. B. *Dislexia: das dificuldades ao desenvolvimento de potencialidades*. In: SEABRA, M. A. B. (Org.). *Distúrbios e Transtornos de Aprendizagem*. Curitiba: Bagai, 2020. Ebook.

MARTINS, Marielza Regina Ismael et al. Rastreamento de disgrafia motora em escolares da rede pública de ensino. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 89, n. 1, p. 70- 74, fev. 2013.

OHLWEILER, Lygia; ROTTA, Newra Tellechea; RIESGO, Rudimar dos Santos. *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

RESENDE, Juliana Cecília Padilha de. *Dificuldades e transtornos de aprendizagem: um estudo sobre as necessidades educacionais especiais numa perspectiva inclusiva*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação de Goiás, 2021.

ROHDE, L. A.; BARBOSA, G.; TRAMONTINA, S.; POLANCZY, K. G. (2000). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22, (Supl II), p. 7-11. Dez, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbp/a/zsRj5Y4Ddgd4Bd95xBksFmc/?lang=pt>>. Acesso em: 23 out. 2022.

RODRIGUES, S. D.; CIASCA, S. M. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. *Rev. Psicopedagogia* 2016; 33(100):86-97. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000100010>. Acesso em: 18 out. 2022.

SILVA, A. B. B. *Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas*. São Paulo: Editora Gente, 2003.

TORRES, Rivas; FERNÁNDEZ, Pilar. *Dislexia, Disortografia e Disgrafia*. Lisboa: McGrawHill, 2001.